

SILVA, V. M. de O. da. A emancipação do corpo feminino através do erotismo na poética de Adélia Prado e Gilka Machado. **Revista Falange Miúda (ReFaMi)**, Cuiabá, v. 3, n. 2, jul-dez, 2018.

A EMANCIPAÇÃO DO CORPO FEMININO ATRAVÉS DO EROTISMO NA POÉTICA DE ADÉLIA PRADO E GILKA MACHADO

VALÉRIA MARIA DE OLIVEIRA DA SILVA*

* Mestranda pelo Programa do Mestrado Acadêmico Interdisciplinar em História e Letras (MIHL) na Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC), *campus* da Universidade Estadual do Ceará (UECE).
valoliver@live.com

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo principal fazer uma breve análise da poética erótica de Adélia Prado e Gilka Machado, abordando o erotismo como elemento fundamental para o rompimento de uma tradição machista e para a desconstrução dos arquétipos femininos socialmente construídos ao longo de tempos. A análise depreendida demonstra que a poética das duas escritoras em questão, contribuiu, e ainda contribui, para o processo de emancipação do corpo da mulher, abrindo portas para uma tradição de mulheres que não temem expressar seus desejos, inclusive os sexuais, quebrando os preceitos arcaicos de uma sociedade que refreou e silenciou o sujeito feminino.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia. Erotismo. Emancipação. Adélia Prado. Gilka Machado.

1. INTRODUÇÃO

O interesse em investigar o erotismo na poesia surgiu com a percepção de que muitas obras sobre esse tema foram escritas por homens, uma vez que a mulher, principalmente até o XX, tinham os desejos sexuais reprimidos por serem considerados anormais e impuros. Além disso, em pleno século XXI, a pesquisa literária sobre o erotismo feminino ainda parece ser uma provocação por ser essencialmente ligada à natureza do desejo da mulher.

Durante muito tempo, a sociedade brasileira foi baseada em um modelo judaico-cristão, patriarcal e machista, no qual a mulher era submissa ao homem. A ela foram negados muitos direitos, inclusive o da liberdade sexual, assunto silenciado por séculos. Com o passar dos tempos, os tabus referentes a sexualidade feminina foram gradativamente diminuindo. Apesar disso, a “moderna” sociedade ainda evidencia frágil disposição em aceitar a liberdade sexual feminina, mostrando ser essa uma mudança lenta e contínua que ainda não chegou ao fim.

Desde as primeiras organizações feministas no Brasil, em 1975, esse tema rodeou a luta pela emancipação da mulher, impulsionando a conscientização da urgente ruptura dos paradigmas opressores e resultando em consequente investimento na poesia erótica. A partir daí, inicia-se a construção da identidade de gênero, redimensionando relações de poder entre o masculino e o feminino, radicalizando, enfim, a forma como a mulher almeja vivenciar seus desejos mais íntimos.

Assim, a poesia erótica de autoria feminina foi usada para reivindicar o sentimento de emancipação do corpo e suprir os anseios que cresciam desde o início do século XX, quando a mulher sente a necessidade de libertar-se da repressão sexual que a submergia em sofrimento, solidão, passividade e conformismo.

Este artigo se propõe, enfim, a analisar a poética erótica de Adélia Prado e Gilka Machado para mostrar sua influência na emancipação da sexualidade feminina. Estas escritoras foram escolhidas por serem cruciais para esse processo, com uma poética fortemente libidinosa no século XX, marcando o início do movimento de libertação feminista e literária no Brasil. De Adélia foi analisada *Bagagem*, 1976, por ter sido publicada na mesma década que Gilka publicou sua última obra, *Poesias Completas*, 1978. Este trabalho se fundamenta teórico-metodologicamente em Gotlib (1982), Paz (1984) e Priore (2011).

2. POESIA E SUBVERSÃO: *BAGAGEM*, ADÉLIA PRADO

Adélia Luiza Prado Freitas nasceu em Minas Gerais, em 1935 e publicou seu primeiro livro de poesias, *Bagagem* em 1976, apresentando um sentimento de que a mulher já começava a se apropriar de seu corpo e seu prazer, num período que o país vivia o auge da ditadura militar, causando grande impacto, tanto pela novidade formal, quanto pela temática abordada.

Sua poesia pertence a um ambiente histórico pós-revolução sexual, o qual interfere absolutamente na sua produção libertária que denuncia a falência do arquétipo de comportamento feminino herdado da sociedade cristã tradicional, impondo uma marca de explosão de falas femininas eróticas, assumidamente política e prazerosa, com o propósito de desconstruir os mitos patriarcais instituídos, especialmente os que se referem ao sexo, amor, casamento, e ao papel da mulher diante desses temas.

Adélia não apresenta simplesmente mulheres, descreve fêmeas que se orgulham da sensualidade, da sexualidade, dos desejos e do corpo como um todo. Fêmeas as quais não se contentam apenas em fazer o papel de esposas e mães. São fêmeas conscientes de seus direitos e desejos sexuais e buscam, portanto, o prazer reprimido. Nela, a exuberante feminilidade é marcada por um discurso que promove a condição do ser mulher, admitindo uma forte ligação entre erotismo e religiosidade e propondo um diálogo entre sexo e Deus.

No poema “Sedução” isso é comprovado de forma clara quando o eu poético deixa levar-se pelo instinto, pelo desejo, pelo prazer.

A poesia me pega com sua roda dentada,
me força a escutar imóvel
o seu discurso esdrúxulo.
Me abraça detrás do muro, levanta
a saia pra eu ver, amorosa e doída.
Acontece a má coisa, eu lhe digo,
também sou filho de Deus,
me deixa desesperar.
Ela responde passando
a língua quente em meu pescoço,
fala pau pra me acalmar,
fala pedra, geometria,

se descuida e fica meiga,
 aproveito pra me safar.
 Eu corro ela corre mais,
 eu grito ela grita mais,
 sete demônios mais forte.
 Me pega a ponta do pé
 e vem até na cabeça, / fazendo sulcos profundos.
 É de ferro a roda dentada dela.
 (PRADO, 1991, p. 60).

São muitos os poemas em que ela mistura religiosidade e sexualidade para revelar que o sexo não pode ser repreendido como pecaminoso, visto que foi uma criação de Deus, se configurando, assim, em desejo puro que deve ser declarado e que não pode mais ser reprimido.

Em *Bagagem*, ela faz um contraste da mulher do lar e submissa com a que tem desejos próprios e que não é mais apenas um objeto para dar prazer. Há então uma subversão feminina que observa-se no trecho do poema “O modo poético”:

Pode-se compreender de novo
 que esteve tudo certo, o tempo todo
 e dizer sem soberba ou horror:
 é em sexo, morte e Deus
 que eu penso invariavelmente, todo dia.
 É na presença d’Ele que eu me dispo
 e muito mais, d’Ele que não é pudico
 e não se ofende com as posições no amor.
 [...]
 (PRADO, 1991, p. 77).

Como se pode constatar no trecho do poema acima, como em grande parte de sua obra poética, as relações com Deus são erotizadas, pois para o eu lírico, as sensações de prazer provocadas pelo corpo são os mais fortes meios de ligação com o divino, sendo que é na nudez do corpo que Deus se revela e o corpo é carne e sexo. Portanto, na obra poética adelianna não há moralismos e cabe todos os temas mais baixos: sexo, corpo e o desejo feminino, sem culpas.

O sexo, em seus poemas, é transcrito como um ato realizado a dois, em que a superioridade da genitalização masculina é substituída pela fruição livre das zonas erógenas, a permitir que a mulher

perceba a sexualidade para além da função procriadora. Em *Bagagem*, os poemas vão ficando ousados gradativamente até provocar uma erupção de sensações provocada por uma explosão interna da sexualidade. Essa explosão do erotismo feminino é latente em “Um jeito”:

Meu amor é assim, sem nenhum pudor.
 Quando aperta eu grito da janela
 — ouve quem estiver passando —
 ô fulano, vem depressa.
 Tem urgência, medo de encanto quebrado,
 é duro como osso duro.
 Ideal eu tenho de amar como quem diz coisas:
 quero é dormir com você, alisar seu cabelo,
 espremer de suas costas as montanhas pequenininhas
 de matéria branca. Por hora dou é grito e susto.
 Pouca gente gosta.
 (PRADO, 1991, p. 92)

A ligação entre o erotismo e o divino em sua obra é uma forma de quebrar os padrões de um período marcado por uma sociedade patriarcal e por preceitos religiosos instituídos para dominar os desejos femininos, e de criar no imaginário da mulher uma ideia de que ela não pode e não deve reprimir suas vontades, devendo portanto, ter consciência de sua condição e de seu papel diante da sociedade, contribuindo assim para o processo de emancipação do corpo feminino. O caráter subversivo de sua poética tornou-se um ato de transgressão e reafirmação da libertação sexual e do espaço feminino na poesia contemporânea.

3. EROTISMO E TRANSGRESSÃO FEMININA: A POESIA DE GILKA MACHADO

No entanto, o maior exemplo de transgressão na poesia feminina brasileira é Gilka Machado, que choca o público ao revelar os desejos proibidos à mulher, na primeira obra poética de autoria feminina publicada no Brasil, no início do século XX, quando as mulheres estavam confinadas em uma vida doméstica e recatada.

Nesse período, as convicções religiosas, o puritanismo, os valores éticos e morais exigiam de homens e mulheres que preservassem uma reserva erótica, mas principalmente a mulher que era vista como um objeto de distração ou um ventre para procriação. Ela não deveria nem mesmo falar algumas expressões porque era escandaloso e provocaria ideias pecaminosas.

Conforme a historiadora Mary Del Priore, em fins do século XIX e início do século XX:

A mulher tinha que ser naturalmente frágil, bonita, sedutora, boa mãe, submissa e doce. As que revelassem atributos opostos seriam consideradas seres antinaturais. Partia-se do princípio de que, graças à natureza feminina, o instinto materno anulava o instinto sexual e, conseqüentemente, aquela que sentisse desejo ou prazer sexual seria inevitavelmente anormal (PRIORI, 2011, p. 90).

Em 1915, num cenário puritano, surge Gilka Machado, aos 22 anos, com sua primeira obra, *Cristais partidos*, ousando com poemas reveladores de um erotismo feminino e provocando severos julgamentos dos críticos. Daí até 1978, dois anos após a primeira publicação de Adélia Prado, ela lança muitas obras, transbordando volúpia, desejo e sensualidade, dando voz a um grupo social que começava a reclamar seus direitos.

Neste sentido, não se deve esquecer que Machado está escrevendo numa época em que se discute no Brasil a situação feminina, o papel social e os direitos políticos da mulher, podendo-se considerar que o movimento feminista brasileiro no começo do século informa a elaboração de sua obra. A questão da emancipação feminina vai ser mesmo o elemento estruturador da poesia de Machado, isto é, vai constituir a poética que orienta sua obra e que se expressa tanto em poemas onde “fala” o desejo do corpo feminino, como em poemas onde se dá voz a todo um grupo social. Dessa maneira, a “audácia” da poeta não estaria só em sua poesia sensual e erótica, como também em poemas cujo tema é a situação desfavorecida da mulher na sociedade brasileira. (FERREIRA-PINTO, 1998).

Dessa forma, sua poesia é mais que literatura erótica, é uma atitude rebelde, representando uma abertura para o reconhecimento do corpo feminino e uma quebra dos paradigmas dominantes masculinos. Essa quebra se dá, principalmente, porque em seus versos o homem é sempre o objeto de desejo da mulher, o que contraria o arquétipo socialmente estabelecido na poesia desse período, no qual a mulher era o objeto de desejo do homem.

Um bom exemplo é o soneto “Particularidades II”, presente na obra *Estados da Alma* de 1917, que descontrói o moralismo que delega o prazer exclusivamente ao homem, para tornar natural a expressão da sexualidade e do prazer feminino, buscando a todo momento o desnudamento e a descrição das sensações inerentes ao corpo.

Tudo quanto é macio os meus ímpetos doma,
 e flexuosa me torna e me torna felina.
 Amo do pessegueiro a pubescente poma,
 porque afagos de velo oferece e propina.

O intrínseco sabor lhe ignoro, se ela assoma,
 no rubor da sazão, sonho-a doce, divina!
 gozo-a pela maciez cariciante, de coma,
 e o meu senso em mantê-la incólume se obstina...

Toco-a, palpo-a, acarinho o seu carnal contorno,
 saboreio-a num beijo, evitando um ressábio,
 como num lento olhar te osculo o lábio morno.

E que prazer o meu! que prazer insensato!
 – pela vista comer-te o pêssego do lábio,
 e o pêssego comer apenas pelo tato.

(MACHADO, 1991, p.150).

A poesia de Gilka apresenta uma mulher intensamente carnal e voluptuosa e revela um elemento imprescindível para a experiência interior do eu poético, que chega mesmo a sentir em seus pelos o vento que pode ser comprovado no trecho de “Poemas de amor (Versos antigos)” também no livro *Estados da Alma*, em que o eu poético usa a imaginação para realizar seu pensamento a partir de suas lembranças e sonhos, pois para ele, o amado não precisa estar presente para senti-lo.

Na plena solidão de um amplo descampado
 penso em ti e que tu pensas em mim suponho;
 tenho toda a feição de um arbusto isolado,
 abstrato o olhar, entregue à delícia de um sonho.

[...]

E não podes saber do meu gozo violento,
 quando e fico, assim, neste ermo, toda nua,

completamente exposta à Volúpia do Vento!”
(MACHADO, 1991, p. 164).

Gilka foi, e ainda é, tão importante para o reconhecimento do gênero feminino que o soneto “Ser mulher”, de sua primeira obra, *Cristais Partidos*, pode perfeitamente ser considerado um contemporâneo hino feminista, com versos que expõem a busca erótica da mulher, rodeada de desencantos e frustrações, para revelar que o desejo e a interdição do mesmo, provocam uma decepção por não poder possuir o objeto desejado, causando uma enorme aflição no eu poético.

Ser mulher, vir à luz trazendo a alma talhada
Para os gozos da vida: a liberdade e o amor;
Tentar da glória a etérea e altívola escalada,
Na eterna aspiração de um sonho superior...

Ser mulher, desejar outra alma pura e alada
Para poder, com ela, o infinito transpor;
Sentir a vida triste, insípida, isolada,
Buscar um companheiro e encontrar um Senhor...

Ser mulher, calcular todo o infinito curto
para a larga expansão do desejado surto,
no ascenso espiritual aos perfeitos ideais...

Ser mulher, e, oh! atroz, tantálica tristeza!
ficar na vida qual uma águia inerte, presa
nos pesados grilhões dos preceitos sociais!
(MACHADO, 1991, p.106).

Os poemas que citamos são altamente transgressores, pois sempre apresentam a alma e o corpo feminino através da própria mulher, quebrando as barreiras impostas por séculos por uma sociedade machista, onde as mulheres eram descritas por homens que não conseguiam captar sua essência. Assim, sua poesia é um forte símbolo de resistência à dominação masculina, sendo complementada por Adélia Prado, como afirma Nádia Battella Gotlib:

Se é intensiva a experiência de Gilka Machado, como poetisa e mulher reivindicadora, há outras barreiras a vencer entre a militância poética e a militância doméstica. Havia uma distância, na sua época, entre o campo da sacralidade da

arte e certos aspectos da vida rotineira, que o simbolismo intensifica, o modernismo desenvolve e autoras mais contemporâneas, como Adélia Prado, consomam (GOTLIB, 1982, p.46-47)

Gilka questiona o lugar da mulher na sociedade e reflete sua contribuição para construção da identidade sexual feminina, usando todo erotismo que pode ser revelado nos sentidos pelo corpo e alma como faz no soneto “Embora de teus lábios afastada” do livro *Meu pecado Glorioso* de 1928: “Inda conservo a carne deliciada / Pela tua carícia que mordida, / que me enflorava a pele, pois, / em cada beijo dos teus uma saudade abria. // [...] Teus beijos absorvi-os, esgotei-os: / Guardo-os nas mãos, nos lábios e nos seios, / numa volúpia imorredoura e louca.” (MACHADO, 1991, p. 287). Nele, a mulher é o ser desejanste que não envergonha-se de sua sexualidade em contraposição à mulher recatada e submissa.

[...] a atração erótica rompe as leis sociais e une os corpos sem distinção de classes e hierarquias. A astrologia erótica oferece um modelo de ordem social fundamentado na harmonia cósmica e oposto à ordem dos privilégios, da força e da autoridade; a alquimia erótica — união dos princípios contrários, o masculino e o feminino, e sua transformação em outro corpo — é uma metáfora das trocas, separações, uniões e conversões das substâncias sociais (as classes), durante uma revolução. (PAZ, 1984, p.93-94).

Foi justamente por essa força reivindicadora latente na mistura bem dosada de rigor formal e sensualidade ousada, que sua poesia ganhou força e até hoje permanece, enquanto marco na história de resistência à situação de alienação da mulher. Firmou-se como precursora na luta pelos direitos de acesso à representação do prazer erótico na poesia feminina brasileira.

O célebre poeta, Carlos Drummond de Andrade, já havia afirmado que: “Gilka foi a primeira mulher nua da poesia brasileira”, além do que na visão drummondiana “as mulheres que gozam hoje de plena liberdade literária para cantar as expansões do instinto e as propriedades eróticas do corpo deviam ser gratas a essa antecessora, viúva pobre que ganhava a vida com esforço e gostava de estar toda nua, completamente exposta à volúpia do vento” (ANDRADE, 1980, p.7).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma sociedade marcada pelo machismo, onde a destituição do desejo feminino era natural, a criação poética de Gilka Machado e Adélia Prado são marcos valiosos para literatura brasileira e para o processo de construção de uma nova história da sexualidade feminina, dando voz às silenciadas mulheres que não tinham espaço e oportunidade para expressar seus desejos e ideias. Portanto, em ambas, a poesia foi um instrumento para o levante de questionamentos sobre a construção da identidade da mulher, empoderando-as no sentido de lutarem cada vez mais por seus direitos e espaços na sociedade.

Embora, em contextos históricos e literários diferentes, as poéticas de Gilka e Adélia afirmam uma voz individual feminina e apresentam construções de prazeres coletivos. Assim, são de grande importância para o processo de emancipação do corpo feminino, dialogando no sentido de repensar a situação da mulher no que se refere a sua sexualidade e importância na estrutura social mediante as relações de poder, contribuindo para a construção da mulher enquanto ser plural e que se reivindica como sujeito de seus desejos, sonhos, projetos etc.

Essas escritoras abrem caminho para se pensar no erótico fora da obscuridade, contribuindo para o processo de emancipação da estrutura arcaica de uma sociedade que refreou o sujeito feminino e sua feminilidade, e abriram portas para que muitas mulheres não tenham mais receios em expressar seus desejos de todas as formas, inclusive, em textos literários, assumindo as emoções e se desafogando dos conflitos de um Eu que deseja romper os “pesados grilhões dos preceitos sociais!”.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. D. de. Gilka, a antecessora. In: *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 18 dez. 1980, **Caderno B**, p.7. http://obviousmag.org/coisas_de_dri/2017/resgate-de-memoria-quem-foi-gilka-machado.html. Acesso em: 18 de junho de 2018.

FERREIRA-PINTO, C. “A mulher e os cânons poéticos brasileiros: Uma releitura de Gilka Machado”. **Revisão da bibliografia interamericana**, ISSN 0250-6262, Vol. 48, N.º. 1, 1998, pp. 83-95. Disponível em: <http://www.educoas.org/portal/bdigital/contenido/rib/rib_1998-1/articulo6/articulo.aspx?culture=pt>. Acesso em: 11 de junho de 2018.

GOTLIB, N. B. Com dona Gilka Machado, Eros pede a palavra. (Poesia erótica feminina brasileira nos inícios do século XX), **Polêmica 4, Revista de Criação Crítica**, 1982. Disponível

em: <<https://devaneiosdeumpoeta.wordpress.com/2017/03/14/gilka-machado-a-poesia-do-desejo/>>. Acesso em: 11 de junho de 2018.

MACHADO, G. **Poesias completas**. Apres. Eros Volúcia Machado. Rio de Janeiro: L. Christiano: FUNARJ, 1991.

PAZ, O. **Os Filhos do barro**: do romantismo à vanguarda. Tradução de Olga Savary. — Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PRADO, A. **Poesia Reunida**. São Paulo: Editora Siciliano, 1991.

PRIORE, M. D. **Histórias Íntimas**: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Editora Planeta, 2011.

THE EMANCIPATION OF THE FEMININE BODY THROUGH EROTICS IN THE POETRY OF ADÉLIA PRADO AND GILKA MACHADO

ABSTRACT: This article has as main objective to make a brief analysis of the erotic poetics of Adélia Prado and Gilka Machado, approaching eroticism as a fundamental element for the breakup of a macho tradition and for the deconstruction of socially constructed feminine archetypes over time. The collected analysis shows that the poetics of the two writers in question contributed, and still contributes, to the process of emancipation of the woman's body, opening doors to a tradition of women who are not afraid to express their desires, including the sexual ones, breaking the precepts archaic of a society that curbed and silenced the female subject.

KEYWORDS: Poetry. Eroticism. Emancipation. Adélia Prado. Gilka Machado.

Sobre a autora:

Mestranda pelo Programa do Mestrado Acadêmico Interdisciplinar em História e Letras (MIHL) na Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC), *campus* da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Especialista em ensino de Linguística Aplicada de Língua Portuguesa pela Selviria (2016). Especialista em Gestão Escolar: administração, supervisão e orientação pela Universidade Cândido Mendes (2017). Graduada em Letras da Universidade Estadual do Ceará/FAFIDAM. E-mail: valoliver@live.com